

MEMORIAL

Maria Celeste Costa Valverde

Doutora em Biologia Animal pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana - Departamento de Ciências
Biológicas / Laboratório de Morfologia Comparada de Vertebrados
E-mail: lamver_uefs@hotmail.com

PREFÁCIO

2

A confecção deste memorial foi para mim bastante prazerosa, pois deu-me a oportunidade de mais uma vez refletir sobre as minhas experiências. Vivenciadas em diversas épocas e lugares, elas revelam, mas não esgotam, diversos episódios sobre a minha trajetória até os dias atuais. Espero que proporcione a mesma satisfação a quem o ler e que ele cumpra o seu papel na avaliação do meu desempenho acadêmico no processo de progressão na carreira do Magistério Superior, da classe de Professor Adjunto B, para o nível imediatamente superior, à de Professor Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana. O que estou expondo aqui de forma descritiva e iconográfica não se refere apenas a minha vida profissional. Tendo como referência o método autobiográfico, optei por mostrar aos leitores personagens da minha história, que em diferentes momentos e circunstâncias, foram responsáveis pela formação integral do meu SER: intelectual e humano. Creio que as referências externas infalivelmente moldaram o meu caráter e determinaram conseqüências positivas que permeiam, ética e moralmente, o exercício da minha profissão, dentro e fora da academia. Estruturado em VII capítulos, procurei destacar em tópicos aspectos relevantes sobre a minha infância, adolescência e na fase adulta, as experiências que contribuíram para a minha formação. A ênfase no ser humano, seja por convicção ou por força do meu temperamento, teve destaque na minha vida profissional, levando-me a assumir a valorização do homem no contexto educacional contemporâneo. Ensinar e vivenciar a humanização no ensino superior, onde prevalece o equívoco de que tudo aquilo não quantificável e mensurável é excluído, continua sendo para mim um grande desafio enquanto educadora / bióloga. Há trinta anos venho de forma continuada praticando uma educação consistente, dialógica, solidária, inclusiva, amorosa e democrática. Tenho procurado compreender igualmente as condições objetivas e subjetivas do comportamento humano, acreditando que é possível recorrer a uma formação – ética, moral, técnica - como caminho condutor para a liberdade e felicidade da nossa espécie, independente de qualquer que seja o lugar a ela destinado na Terra. Numa época de sentimentos fluidos, eis o que referenda a minha identidade profissional e me fortalece cotidianamente.

Feira de Santana, outubro de 2006.
Maria Celeste Costa Valverde

Palavras-Chave: Autobiografia. Biologia. Educação. Memórias. Trajetória.

COMO TUDO COMEÇOU

No dia 04 de novembro de 1954, às 08:20 da manhã de uma segunda-feira, na pacata cidade de Feira de Santana, vim ao mundo assistida por uma parteira de nome Consuelo. Os meus pais, Milton Brandão Costa e Regina Santos Costa, envoltos de felicidade pelo nascimento de outra menina (tenho uma irmã mais velha) na pia batismal deram-me o nome de Maria Celeste, por acreditarem ser este mais um presente do céu. Assim, sob o signo de escorpião, começou a minha jornada aqui na Terra, vivida em toda a sua plenitude biológica (nasci, cresci e reproduzi) sem descuidar, contudo, de trilhar um caminho espiritual, que faz emanar do meu coração, paz e felicidade.

O início da minha infância foi marcado por um período de tranqüilidade familiar, com descobertas repletas de ventura, relacionamentos afetivos sólidos e sem obstáculos financeiros. Segundo observações da minha mãe, fui uma criança calma, alegre, tinha apetite regular e bom sono. Levava uma vida saudável seguida por uma rotina: hora de acordar, comer, passear, tirar uma soneca, voltar a me alimentar, enfim, mantinham-se sempre os mesmos hábitos, vividos com muito amor no seio de uma sólida família de classe média.

Desde novinha me habituei com a companhia da minha irmã Maria de Fátima, dois anos mais velha que eu (Foto 1). Fomos criadas e educadas num lar harmonioso, onde a proximidade com meus avós paternos (morávamos vizinhos), o aconchego da minha madrinha Yayá (companheira da minha avó desde pequenininha) e as peraltices das minhas tias Mércia e Márcia (crianças como eu) favoreciam um clima essencial para o bom desenvolvimento infantil e formação de uma personalidade sadia.

Parece-me estar vendo ainda o lugar em que cresci. O casarão amplamente avarandado, do meu avô Gilberto e da minha avó Libânia era o nosso lugar favorito, servindo de palco para as brincadeiras que compartilhávamos (eu, minha irmã e minhas tias) com as demais crianças da vizinhança. Os fundos da casa davam para um enorme quintal de onde eu contemplava a beleza do sol poente e que, em dias de feira-livre, ficava repleto de vaqueiros amigos da minha avó, e que chegavam da zona rural com os seus produtos para comercialização e abastecimento da população. Neste local os animais descansavam, bebiam água fresca e esperavam o final do dia para retornarem aos seus lugares de origem.

Também era ali que eu observava a presença constante de parentes e amigos que tagarelavam uns com os outros, nos diferentes cômodos da casa, decorados com objetos simples, mas de fino bom gosto, cujas imagens gravaram-se na minha memória trazendo-me alegres recordações da infância.

O pai de meu pai era alto, de aspecto jovial, forte no físico e no caráter. Importava-se com a sua aparência e se apresentava sempre perfumado, barbeado e bem vestido, refletindo a imagem de homem galanteador. Para dizer a verdade, a fama de cortejador do meu avô fazia jus aos diversos comportamentos extra-conjugais que tivera. Homem de muitas aventuras amorosas, que a meu ver, serviam-lhes de orgulho e pareciam estar em consonância com os valores machistas que vigoravam naquela época.

A respeito dessas suas aventuras viris corria toda sorte de estórias. A vida matrimonial da minha avó Libânia guardava segredos de uma existência de coragem, perseverança e firmeza. Recordo-me dela como uma mulher pura e cândida que conseguiu resistir socialmente aos inevitáveis constrangimentos e decepções com quem desposara, disfarçando com a própria vida as desilusões do seu fracassado casamento. Assim, resultante de um dos anseios extra-matrimoniais do meu avô nasceram as minhas tias Mércia e Márcia, que por conta do destino e sorte delas, ainda pequenas foram levadas pelo pai para os cuidados da minha avó, que com a dignidade de poucas mulheres, criou e educou as meninas como verdadeiras filhas, dedicando-lhes amor até os últimos dias da sua vida.

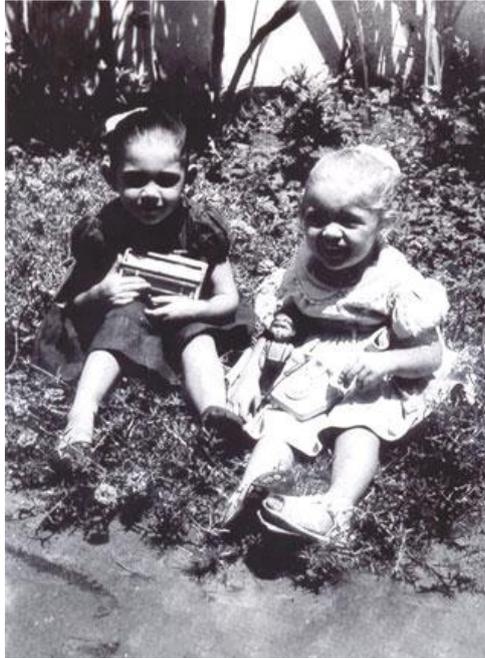


Foto 1: Em companhia da minha irmã Fátima, à esquerda, na casa em que fomos criadas na Avenida Getúlio Vargas, nº. 308, Feira de Santana – BA. 1956.

RECORDAÇÕES: DA INFÂNCIA À ADOLESCÊNCIA

Assim, cercada de parentes queridos e com a constante orientação dos meus pais, fui amadurecendo naturalmente na primeira infância, ajustando-me às normas de convivência social, tão necessárias a uma vida futura com harmonia e felicidade. Neste período a educação escolar apresentou notável contribuição na minha formação e em 1960 ingressei no Asilo Nossa Senhora de Lourdes. Meus pais tinham grande predileção por aquela escola, pois acreditavam que o rigor com que as irmãs Sacramentinas administravam o colégio, iria me trazer proveito no futuro. Apesar da grande disciplina de ordem moral e religiosa que reinava ali, com frequência ocorriam diversas comemorações, não só encenações de espírito cristão e missas solenes, mas também eventos de natureza regional, como as festas juninas, com comidas típicas e organização de quadrilhas (Foto 2), mantidas até os dias atuais nas cidades do interior.

Quanto à minha formação religiosa, sendo inteligível ou não, sinto-me recompensada pela influência que tivera com as freiras, cujos sacramentos divinos (Foto 3) ainda hoje alimentam o meu coração e saciam a minha sede dos enigmas celestes.

A minha adaptação ao primeiro ambiente escolar foi rápida e em companhia de Fátima e das minhas tias, entretia-me com os afazeres e lições do Jardim de Infância em meio a muitas horas de recreio com outras crianças da minha idade. Recordo-me claramente do local em que tantas vezes a jovial professora Margarida deleitava-se em transmitir aos alunos o seu saber e as suas aptidões, estimulando através de exercícios a nossa inteligência e imaginação.

Os anos foram se passando e graças ao embasamento que tivera em um colégio tradicional austero, não demorei a transpor as fronteiras do ensino fundamental. Em 1966, com o objetivo de me preparar para o Curso de admissão (exame obrigatório naquela época) ingressei em regime integral na Escola São Paulo, com toda a esperança de passar para as futuras séries ginasiais.

Após transpor o tão concorrido exame de admissão, em março de 1967 me matriculei no célebre Colégio Santanópolis, onde então o ensino, no que tange à memória e ao raciocínio no campo pedagógico era ministrado por profissionais que procuravam oferecer por gosto e não por obrigação, o que havia de melhor em educação na época. Este acontecimento era inegavelmente o desejo de todos os pais e o sonho de jovens estudantes do interior, que procuravam o sucesso de suas próprias carreiras, através de uma formação consistente.

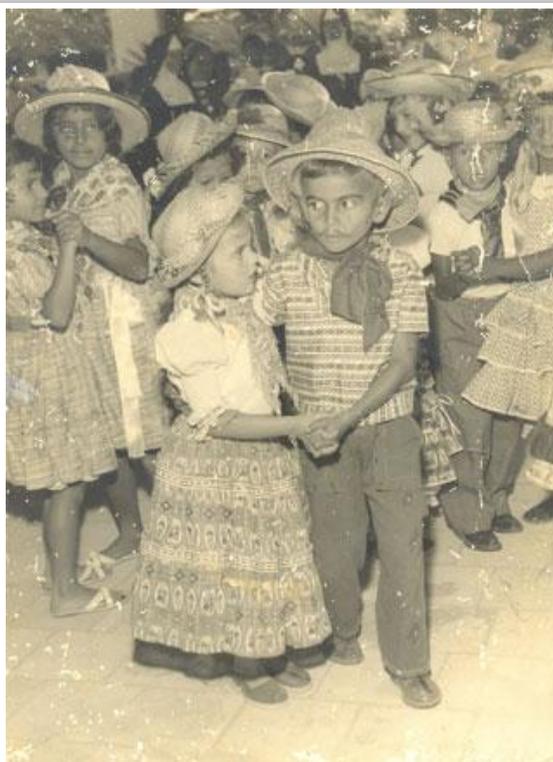


Foto 2: Festa junina no Asilo Nossa Senhora de Lourdes. Feira de Santana - BA. 1960.



Foto 3: 1ª. Comunhão realizada na Capela Nossa Senhora de Lourdes. Feira de Santana – BA. 1965.

Encontrava-me nesta época em plena adolescência. Nas ocasiões dos festejos públicos tais como o Novenário da Padroeira Santana, Micareta (o nosso carnaval fora de época), as festas de São João e São Pedro – além de outras comemorações regionais – era impossível ficar em casa. Em companhia de familiares e alegres amigos que freqüentavam regularmente a nossa casa, eu saía e me divertia com muito humor e entusiasmo.

Sem dúvida, herdei essas inclinações festivas do meu pai, homem espirituoso, jovial e popular. Fora dos seus afazeres, encontrava-se permanentemente disposto e pronto para sair, visitar as ruas da cidade, sob os protestos resignados da minha mãe. Nada lhe impedia de aos sábados, domingos e feriados, ora aqui, ora ali, comemorar algo. E foi assim, em plena juventude e bondade, que aos 54 anos de idade, morreu após um enfarte fulminante em março de 1984. Resta-me dele a eterna gratidão pela vida e pelos ensinamentos que eu guardo na memória e que infalivelmente tiveram marcada influência sobre mim.

Essa era uma época propensa às conquistas e observações. Já adolescente e cada vez mais livre, ora sozinha, ou em companhia de amigos e/ou familiares, comecei a explorar a minha cidade natal. Atravessar a Praça da Bandeira, passear nas ruas largas das avenidas Senhor dos Passos e Getúlio Vargas, ir ao centro da cidade e assistir um filme no Cine Santanópolis, na badalada sessão de segunda-feira à tarde, era encantador. Tomar um caldo-de-cana ou mesmo um sorvete de côco com doce-de-leite (guloseimas muito apreciadas na época) no ABRIGO (Foto 4), visitar as lojas da pequena e única galeria Caribé, também produziam em mim, uma agradável satisfação. Era ali, beirando a praça principal, na parte mais viva e movimentada da cidade, que se via no antigo Mercado (Foto 5), a descarga de mercadorias, novidades chegadas de caminhão oriundas de outros estados brasileiros e que aqui faziam sucesso. Este velho e

histórico estabelecimento comercial, sob a administração municipal e após sucessivas reformas transformou-se no Mercado de Arte Popular / MAP, espaço destinado às diversas manifestações culturais e a comercialização do artesanato regional e local nos dias atuais.



Foto 4: Feira-livre no centro da cidade, ao redor do ABRIGO. Feira de Santana – BA. 1968.



Foto 5: Detalhe do Mercado Municipal em dia de feira. Feira de Santana – BA. 1969.

Fotos cedidas por A. F. Magalhães, do livro “Feira de Santana pelas lentes do fotógrafo Antônio Magalhães”, de sua autoria / no prelo.

O que sobretudo atraía os meus olhares, e que tantos sentimentos me inspiravam, eram os dias de feira-livre (Fotos 6, 7 e 8). Resultante da nossa cultura, essa atividade continua no município de Feira de Santana retratando o modo de vida do povo sertanejo. Dava-me prazer percorrer entre os feirantes, distribuídos confusamente nas bordas das calçadas, ou mesmo sobre elas, em barracas de lonas repletas de produtos agrícolas de pequenas lavouras que abasteciam a

população, gerando importante fonte de renda para os moradores da zona rural. Ali vendia-se de tudo: aipim, batata-doce, milho, feijão, farinha-de-mandioca, além de animais de criação (galinhas, perus, porcos, cabras, bodes), sem esquecer as comidas típicas e os remédios feitos à partir de folhas, cascas de árvores e banhas de animais que sob a forma de pomadas, xaropes e unguentos, continuam sendo usados largamente na medicina popular. O vai-e-vem de pessoas e de mercadorias, objetos feitos de barro, madeira, couro e palha de plantas, como pindoba e ouricuri, convertia aquele local num espaço colorido e dourado, que eu percorria, pouco a pouco, com o desejo ardente de também participar dessa labuta do homem do sertão. Inegavelmente, essa era uma bela época.

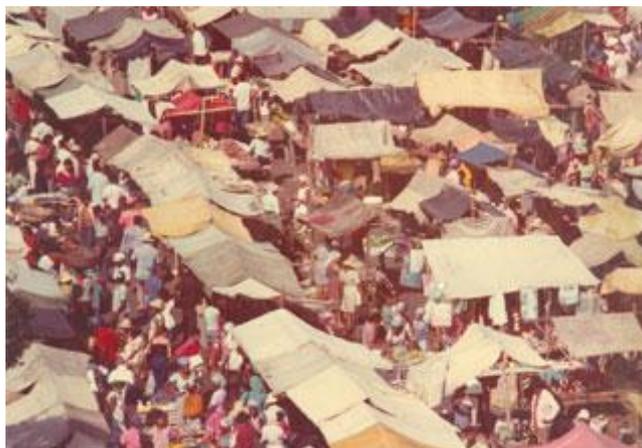


Foto 6: Visão panorâmica da feira livre no centro da cidade. Feira de Santana – BA. 1968 - 1970.



Foto 7: Visão panorâmica da feira livre no centro da cidade. Feira de Santana – BA. 1968 - 1970.



Fotos 8: Visão panorâmica da feira livre no centro da cidade. Feira de Santana – BA. 1968 - 1970.

As três fotos acima foram cedidas por A. F. Magalhães, do livro “Feira de Santana pelas lentes do fotógrafo Antônio Magalhães”, de sua autoria /no prelo.

VALE A PENA SONHAR

Chegamos à década de 70. Nenhum ano foi, talvez, mais fecundo em acontecimentos como 1971. Em consequência do preparo escolar que tivera, transpus as fronteiras do ensino ginasial e segui o curso científico no Colégio Santo Antônio, de propriedade da Ordem dos Padres Capuchinhos. Ali cultivava-se também uma formação religiosa cheia de convenções éticas e morais. Durante três anos que por lá permaneci enquanto aluna, adquirira sólidos conhecimentos, fiz grandes amizades, algumas mantidas até hoje, e aguardava com confiança e dedicação o momento que eu deveria passar para a Universidade, após vencer a imensa concorrência dos vestibulares.

Nessa época, favorável às novidades suscetíveis da mocidade, minha cabeça não tardou a encher-se de pensamentos afáveis e poéticos quando através de uma grande amiga de nome Naíra, conheci um jovem de beleza rara, chamado Luíz. Era a primeira impressão durável que um rapaz produziu em mim. Como não sabia onde morava, procurei-o na cidade e não tardei a descobrir onde o mesmo trabalhava. À saída do antigo Banco do Estado da Bahia / BANEBA (hoje BRADESCO), ousei dirigir-lhe algumas palavras e dei-me por muito feliz quando percebi que ele me havia notado e gentilmente sorriu ao me ver. Seus olhos azuis eram os mais belos que eu já vira. A partir desse momento encantador, não nos separamos mais. Sentíamos um alegre prazer em reacender o nosso amor todos os dias, e as palavras impregnadas de poesia pronunciadas incessantemente, davam um tom de longevidade aos nossos projetos. Em meio a tantos planos futuros, ficamos noivos e em um dado momento a sua confissão pelo casamento fez o meu coração ser tocado de maneira toda particular. Assim, em 29 de dezembro de 1976, subimos ao altar, em tempo favorável, pois nessa mesma data os meus pais comemoravam bodas-de-prata e os meus avós maternos, Helvércio e Rosa, festejavam cinquenta anos de casados. Para a família foi uma festa memorável que certamente não deverá cair no esquecimento (Foto 9). Por sorte, tivemos duas filhas, Tércia e Tatiana. Hoje dividimos com elas o nosso amor e continuamos realizando planos que no pretérito foram tão desejados por nós.



Foto 9: Nossa Cerimônia de casamento (centro), bodas-de-prata dos meus pais (esquerda) e bodas-de-ouro dos meus avós (direita). Igreja Capuchinhos. Feira de Santana – BA. Dez. / 1976.

Voltando ao ano de 1974, após obter sucesso no vestibular, ingressei no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Católica de Salvador - UCSal. Naquela época, meu pai, apesar de demonstrar claramente que gostaria de ter um filho (além de Fátima, também tenho um irmão de nome Milton) formado em Medicina ou Advocacia, deixou-me a escolha livre por qual profissão seguir. Isso causou-me grande tranquilidade porque eu já havia, por disposição natural, optado e depositado grandes esperanças na Biologia.

Fixando de imediato residência em Salvador, fui morar com algumas amigas feirenses, que também acabavam de ingressar no meio acadêmico na capital. No decorrer do curso de graduação, participei ativamente de diversas jornadas, seminários, congressos e demais eventos técnico-científicos, objetivando cada vez mais melhorar a minha formação acadêmica e estimular as minhas habilidades neste campo do conhecimento.

A partir do segundo semestre do curso, o “Seminário de atualização em Ciências Biológicas” promovido pela Universidade Católica de Salvador no período de 03 a 07 de junho de 1974 e a “VII Semana Baiana de Biologia” organizada pela Associação Baiana de Biologia, ocorrido em outubro do mesmo ano, me permitiram uma maior integração com outros estudantes universitários e renomados professores de diversas Universidades brasileiras, que pertenciam à comunidade científica da época.

Durante a graduação, apressava-me em buscar, prática e teoricamente, o que nos ensinavam os grandes Mestres, assumindo com disciplina e responsabilidade os diversos conhecimentos que certamente iriam contribuir no meu crescimento futuro. Lembro-me com detalhes das aulas do saudoso Professor José Pereira de Souza, carinhosamente conhecido como “Padre Pereira”, que juntamente com a Professora Lectícia Scardino Scott Faria formavam na UCSal a equipe de botânicos pesquisadores. Era um estímulo enorme ver aqueles dois professores trabalhando ativamente entre plantas herborizadas, ou debruçados sobre lupas examinando estruturas vegetais. Igualmente estimulante era ouvir as suas preciosas explicações e relatos de experiências em campo. Na área da Zoologia tornaram-se altamente valiosas as contribuições das Professoras Alzira Barreto de Oliveira e Lúcia Menezes de Miranda Castro (Foto 10). Não posso deixar de mencionar aqui os professores José Simões e Silva Júnior, Gizélia Vieira dos Santos, Kleide Mendes Lopes Ramos, e tantos outros eminentes educadores

de diversos campos do conhecimento, que a cada lição, ou através de trabalhos e projetos específicos compraziam-se em transmitir a outrem os seus saberes.

Naquela época, as oportunidades de estágios remunerados do tipo iniciação científica e/ou extensão eram inexistentes especialmente nas Universidades particulares, a exemplo da UCSal. Para compensar a lacuna destes programas, aqueles estudantes que buscavam conhecer de forma contínua os princípios, métodos e técnicas da pesquisa biológica, se valiam de estágios voluntários em outras instituições de Ensino Superior ou Centros de Pesquisa. Esses constituíam-se em valiosas experiências e motivação para os jovens cientistas que abarrotavam os laboratórios e demais espaços acadêmicos disponíveis principalmente na Universidade Federal da Bahia / UFBA e Centros de Saúde do estado, gentilmente cedidos por aqueles professores que procuravam atender cada vez mais e melhor, os interesses científicos da Bahia.



Foto 10: Em um evento com a Professora Lúcia Menezes (agachada) e a bióloga Clara Costa (à direita). Curitiba – PR.

FRAGMENTOS ROUBADOS DA MEMÓRIA

Torna-se necessário expor que ao me casar em dezembro de 1976, voltei a morar e trabalhar em Feira de Santana. Atendendo a convite feito pelo seu então diretor, o frei Salomão Aguiar, passei a lecionar inicialmente Ciências, e logo depois Biologia, no Colégio Santo Antônio, aquele dos Padres Capuchinhos. Percebi de antemão que a minha boa conduta enquanto aluna daquela casa tivera influência positiva, neste que foi o meu primeiro emprego como docente. Com competência e muito vigor, fui paulatinamente conquistando espaço e reconhecimento como profissional do ensino e recorri a todos os meios para não fazer nada pela metade, nem dispersar, juntamente com o meu tempo, o interesse que eu sentia pela vida acadêmica.

Assim, no decorrer de 1977, entre idas e vindas diárias a Salvador (saía de Feira de Santana às 15:00 h e retornava às 22:30 h) me graduei no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (Foto 11).

Em 1980 meu trabalho foi grandemente aumentado quando, através de concurso público, ingressei no estado, como professora do ensino médio, lecionando Ciências e Biologia no Grupo Escolar Agostinho Fróes da Mota.

Em meio a todas essas ocupações docentes, e que se sucediam com tal rapidez, (também ensinei Biologia em um curso pré-vestibular) eu não perdia de vista o meu objetivo principal: ingressar na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, com o compromisso de contribuir na formação de novos profissionais e colaborar para o desenvolvimento da cidade em que nasci e onde eu havia construído a minha história de vida.



Foto 11: Solenidade de formatura: Licenciatura em Ciências Biológicas – Universidade Católica do Salvador. Salvador – BA. Dez. / 1977

Dia após dia, a vontade de participar da academia aumentava, fixando-se na minha memória e no meu coração. Dessa forma não medi esforços para realizar este sonho e foi assim que em 1982, mediante concurso público, ingressei na Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, experimentando a coisa mais desejável que um jovem profissional planeja cultivar a si mesmo: contribuir para a formação e engrandecimento dos outros.

Nesta ocasião era então diretora do Departamento de Ciências Biológicas, a Prof^a. Gizélia Vieira dos Santos e o reitor o Prof. José Maria Nunes Marques, homem sereno e de muitos méritos acadêmicos.

Quando comecei a lecionar na UEFS (Foto 12), o antigo curso de Licenciatura em Ciências que tinha o propósito de formar o professor polivalente de Ciências para o ensino de 1º. Grau, já havia sido convertido em Licenciatura Única em Ciências com habilitação em Biologia. Esse passou então a formar, com o mesmo objetivo do curso anterior, o professor de Ciências para o 1º. Grau e o professor de Biologia, para o 2º. Grau, objetivando suprir a carência de profissionais na rede pública de ensino.

E assim, no cargo de Professora Auxiliar do Departamento de Ciências Biológicas, assumi as disciplinas Zoologia Geral e Zoologia dos Vertebrados, colaborando nesta área com a Prof^a. Lúcia Menezes de Miranda Castro que naquela época, era a única docente responsável pelo conhecimento animal do referido Curso.

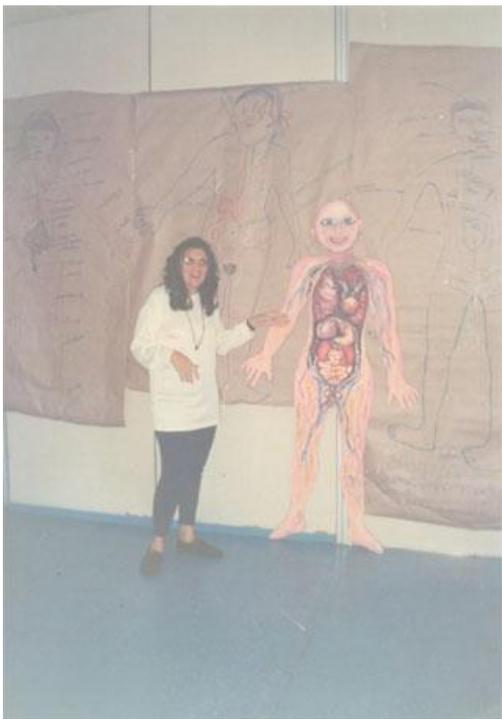


Foto 12a: Momentos relacionados à minha atividade docente sobre o corpo humano - Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana – BA. Período 1986 – 1989.



Foto 12b: Momentos relacionados à minha atividade docente - taxidermia em serpentes - Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana – BA. Período 1986 – 1989.



Foto 12c: Momentos relacionados à minha atividade docente - aula teórica de Zoologia - Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana – BA. Período 1986 – 1989.



Foto 12d: Momentos relacionados à minha atividade docente - Aula prática. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana – BA. Período 1986 – 1989.

Consagrei a esse trabalho toda a atenção e diligência possíveis, e, pouco a pouco, sob a orientação da querida Prof^a. Lúcia Menezes, que devotava-me grande afeição desde a época da Graduação, fui me familiarizando com os animais, definindo-me naturalmente pelos Vertebrados. Objetos de minhas investigações atuais, esses animais tornaram-se motivo de reconhecimento e de satisfação profissional, especialmente com estudos relacionados ao grupo Reptilia (Foto 13).

Na época, as condições para a pesquisa no Departamento de Ciências Biológicas, eram incipientes em todas as áreas. Carecia de tudo: espaço físico, equipamentos adequados, recursos humanos de toda ordem, além de apoio financeiro institucional para o desenvolvimento de grandes projetos, envolvendo a manutenção de animais em cativeiro e confecção de coleções didáticas e científicas de animais preservados. Impulsionada pelos desafios da época e ousado espírito empreendedor, comecei, em 1985, mesmo sem recursos técnicos, como verdadeira noviça, a desenvolver a pesquisa intitulada “Levantamento da ofidiofauna na Fazenda Taboa – São Gonçalo dos Campos – BA”, com o objetivo de conhecer as espécies de serpentes que ocorriam naquela localidade.



Foto 13a: Material didático (serpentes taxidermizadas) do primeiro museu de Zoologia da UEFS. 1986.



Foto 13b: Funcionários do Laboratório Didático de Biologia da UEFS. 1986.



Foto 13c: Alunos de Biologia - VI Jornada Universitária da UEFS. Feira de Santana – BA. 1986.



Foto 13d: Equipe do Projeto Integração Universidade e Ensino do 1º. Grau – Congresso Nacional. Campo Grande - MS. 1988.

Foi assim que, de forma cômoda e feliz, a minha pesquisa foi grandemente favorecida por uma circunstância pessoal: meu marido, por gosto, resolveu morar neste sítio - Fazenda Taboa - persistindo com o propósito de ficar no local durante cinco anos. Esse ponto de contato diário no campo com a natureza conduziu-me a realizar coletas importantes naquela região, dando início aos primeiros registros de diferentes espécies de serpentes. Todo o material recolhido naquela época encontra-se hoje catalogado e incorporado às coleções, didática e científica, do Departamento de Ciências Biológicas da UEFS e serviu de base para o levantamento da ofidofauna na Microrregião de Feira de Santana e posterior apresentação dos resultados em congresso (Foto 14).



Foto 14: Apresentação do meu primeiro trabalho com as serpentes, intitulado “Levantamento preliminar da ofidofauna da microrregião de Feira de Santana – BA” – XVIII Congresso Brasileiro de Zoologia. Salvador – BA. 1991.

TEMPO DE CONSTRUÇÃO E (RE)CONSTRUÇÃO

Para a edificação das pesquisas, travei conhecimento com muita gente. O empenho e dedicação de várias pessoas, velhos e moços, colegas, estagiários e colaboradores contribuíram para a obtenção de melhores resultados dos objetivos inicialmente idealizados por mim com as serpentes. Reconhecendo a importância das pesquisas que eu vinha desenvolvendo de forma pioneira no curso de Biologia, diversos alunos me procuraram visando obter orientação e incorporação às atividades em desenvolvimento. Felizmente não tardei a saciar a sede da nossa juventude no campo da ciência e imediatamente formei uma equipe com jovens estudantes da época. Com o olhar no futuro e ávidos por novos conhecimentos, iniciamos em 1987, em condições muito precárias, a manutenção de serpentes em cativeiro. Já não havia mais retorno: a criação de serpentes, ainda que em uma sala de aula adaptada a essa função, passou a ser o marco referencial da pesquisa animal no Departamento de Ciências Biológicas, sendo implantado ali, no MT – 18 o Serpentário, com a primeira linha de pesquisa zoológica da UEFS: Animais Peçonhentos (Fotos 15 e 16).

17



Foto 15: Vista geral do Serpentário. Universidade Estadual de Feira de Santana. 1990.

A nossa integração a outras equipes de pesquisa nessa área foi se tornando necessária em virtude da inclusão de novos grupos de animais, como aranhas e escorpiões, que também passaram a ser estudados no LAP, sob a orientação, na época, do Prof. Dr. Carlos Costa Bichara Filho e da então discente Valdeci dos Santos (hoje docente da UNEB), levando-nos a ampliar as condições necessárias para o estudo com esses animais.



Foto 16a: Fixação de *Micrurus* para coleção científica - LAP / UEFS. 1985.

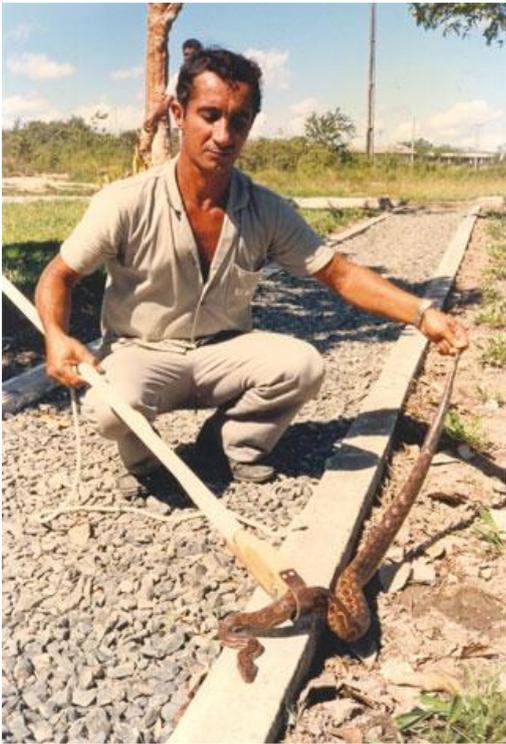


Foto 16b: Manejo de serpente no campus universitário. 1987.



Foto 16c: Consulta herpetológica ao Prof. Orlando Menezes. UEFS. 1987.



Foto 16d: Visita de Consultoria do Prof. Dr. Pedro Antônio Federsoni Júnior ao LAP / UEFS. 1990



Foto 16e: Estagiários com a coordenadora e o consultor do LAP / UEFS. Feira de Santana - BA 1992.



Foto 16f: Visita técnica à Coleção herpetológica da Universidade Federal do Acre. Rio Branco – AC. 1995.

Assim, encorajada pelos esforços de dar continuidade, relevância e maior visibilidade, às nossas pesquisas, que já vinham assinalando rápido progresso local, procurei a colaboração da

Prof^a. Tânia Brazil, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, cujo nome já havia se consolidado nesta área do conhecimento (Foto 17a).

Após alguns encontros, muito trabalho e grande expectativa, elaboramos o projeto intitulado “Estudo dos Animais Peçonhentos da Bahia”, posto em execução através de um convênio firmado com as três Instituições: Universidade Estadual de Feira de Santana / UEFS, Universidade Federal da Bahia / UFBA / e o Centro de Pesquisa da Lavoura Cacaueira / CEPLAC, visando a colaboração recíproca destas instituições na pesquisa e treinamento de pessoal especializado neste campo do conhecimento. Em 1990 o referido projeto foi aprovado pela FAPEX e financiado pela Fundação Banco do Brasil, incrementando de forma considerável as nossas atividades. A aquisição de novos equipamentos e a melhoria das condições físicas para atender as tarefas específicas dos laboratórios, LAP/UEFS, sob minha coordenação; LAP/UFBA coordenado pela Professora Tânia Brazil e LAP/CEPLAC, sob o comando do Professor Antônio Jorge Argôlo (Foto 17b), provocaram mudanças significativas nas nossas pesquisas, tornando sólidos os estudos e possibilitando maior independência de ações nas regiões de abrangência das três equipes envolvidas no projeto.

Os benefícios prestados principalmente às comunidades de Salvador, Feira de Santana e Itabuna no decorrer deste trabalho, foram verificados através de constantes visitas aos serpentários locais, solicitação de treinamentos, palestras, demonstração de material e entrevistas relacionadas aos animais peçonhentos nos diversos meios de comunicação: rádio, jornais e televisão.

A participação dos membros das três equipes em diversos eventos científicos foi muito proveitosa, a exemplo do XVIII Congresso Brasileiro de Zoologia, ocorrido em Salvador em 1991, onde importantes contatos foram feitos com pesquisadores da área, em especial com o Dr. Pedro Antônio Federsoni Júnior – Instituto Butantan / SP -, que posteriormente se tornou Consultor Técnico do referido projeto, e os Doutores Guisepppe Puerto - IB / SP - e Aníbal Melgarejo Gimenez (Instituto Vital Brasil / RJ), que colaboraram com a equipe em diversos momentos do trabalho.



Foto 17a: Curso ministrado pela Prof^a. Tânia Brazil aos alunos de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Feira de Santana, sobre “Serpentes e Ofidismo”. Feira, 1987.



Foto 17b: Em companhia do Prof. Antônio Jorge Argolo, durante o XIV Congresso Brasileiro de Zoologia. Juiz de Fora – MG. 1987.

Uma vez encerrado o convênio assumido com o Banco do Brasil e a Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão – FAPEX -, em 1992, foi elaborado um relatório final das atividades desenvolvidas pelas equipes dos LAPs, sob à coordenação geral da Professora Tânia Brazil (UFBA). Todos os esforços empreendidos neste projeto por certo abriram novas perspectivas de trabalho no campo da pesquisa científica nas três Instituições, deixando também um grande acervo constituído de diferentes espécies de aranhas, escorpiões e serpentes do estado da Bahia.

Todas as conquistas foram, sem dúvida, impulsionadas pela vontade do fazer permanente. Em Feira de Santana a integração com o pessoal da Cooperativa Agropecuária – COOPERFEIRA, o interesse de agricultores e pecuaristas da região, além da comunidade rural já mobilizada para colaborar nesses assuntos, fizeram com que os estudos com os animais peçonhentos tivessem sucesso. Outra fonte de valiosa contribuição para o LAP foi a vinda de jovens e talentosos profissionais para a UEFS que passaram a integrar à equipe deste laboratório, hoje conhecido como Laboratório de Animais Peçonhentos e Herpetologia/LAPH, emprestando-lhe solidez e agregando novas linhas de pesquisa com outros grupos de animais.

Discorrendo sobre este assunto, o qual me ofereceu por muito tempo prazer, tornando-se um vasto campo de aprendizado e conhecimento, não posso deixar de mencionar aqui, a preciosa colaboração aos meus estudos com as serpentes, do eminente Professor Orlando Bastos de Menezes (Fotos 18a e b) a quem presto uma singela homenagem e consigno meus agradecimentos. Ex-professor Titular de Parasitologia da Universidade Federal da Bahia/UFBA, após aposentar-se, contra a sua vontade, nesta Instituição por conta da “Lei da Compulsória”, incorporou-se nesse mesmo ano ao quadro de docentes da Universidade Estadual de Feira de Santana/UEFS, cumprindo com entusiasmo e constância, o seu papel acadêmico, desenvolvendo atividades professoral científica e administrativa (coordenava o então Biotério da UEFS).

Em regime especial de trabalho, e após dois anos de esforços, publica em 1984 pela Universidade Estadual de Feira de Santana a obra intitulada “Dicionário de Parasitologia – À luz da Etimologia e Biografia”, demonstrando a sua extraordinária vocação para a transmissão de conhecimentos científicos relacionados a esta matéria. Cada vez mais vigoroso, e com igual paixão com que realizou o sonho anterior, em 1997 com o apoio da UEFS e suporte financeiro do Ministério da Cultura, publica um novo livro: “A Zoologia de Aristóteles”, onde por mais de 30 anos, reuniu estudos, artigos originais e documentos relevantes baseados na *Historia Animalia* de Aristóteles, e divulgados nesta referida obra de sua autoria.

Ao tomar conhecimento das minhas pesquisas herpetológicas e vendo o meu ânimo em progredir com o estudo das serpentes, o referido professor não mediu esforços em contribuir com o meu trabalho, ofertando-me em 1988, do seu acervo pessoal, 54 livros de imensurável valor científico. Daquele total oferecido, 34 obras foram escritas pelo seu irmão Afrânio do Amaral, grande pesquisador brasileiro na área da Herpetologia (estudou em especial a ofiologia sul-americana), dirigindo o Instituto Butantan durante mais de 20 anos.

Devo frisar nesta oportunidade, que além da amizade e do carinho dispensados ao Prof^o. Orlando Menezes durante a sua permanência na UEFS, quis consagrá-lo com uma sincera homenagem em reconhecimento aos seus predicados de mestre, colega, amigo e colaborador, designando com o seu nome, o primeiro Serpentário externo da Universidade Estadual de Feira de Santana (Foto 18a).

Com igual valor e consideração, quero registrar o meu carinho e eterno agradecimento ao Prof. Clodoaldo Moraes (Foto 18c), homem de grandes virtudes e opiniões, a quem eu devo muitas horas de alegria, compartilhadas em diversos momentos (e por longo tempo) e dedicadas às nossas práticas com as serpentes e demais elementos da natureza.



Foto 18a: Prof. Orlando Bastos de Menezes, inaugurando o Serpentário externo da UEFS, que leva o seu nome.



Foto 18b: Com a coordenadora do LAP e estagiárias. Feira de Santana – BA. 1990.



Foto 18c: Clodoaldo Moraes, professor do Departamento de Letras da UEFS, amigo sincero e fiel colaborador nas pesquisas herpetológicas. Feira de Santana - BA. 2004.

E assim, após exitosa trajetória com os animais peçonhentos, em 1991 me afastei do LAP, por entender que era àquele o momento de seguir novos rumos.

Em processo de (re)construção acadêmico-profissional, firmei parceria com o Prof. Dr. José Duarte de Barros Filho, conhecido herpetólogo da Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Foto 19), iniciando um estudo sobre os Amphisbaenia, objetivando conhecer aspectos relacionados à biologia desses animais. Daí resultara em 1994, um projeto intitulado “Levantamento dos Amphisbaenia (Reptilia) da microrregião de Feira de Santana, estado da Bahia, Brasil”, que serviu de embasamento para a implantação de uma nova linha de pesquisa zoológica na UEFS e que se mantém até os dias atuais, sob a minha coordenação. Por força deste trabalho, em 2003 foi criado o Laboratório de Morfologia Comparada de Vertebrados – LAMVER, espaço físico destinado para o desenvolvimento de atividades de pesquisa com os anfisbênios, que ora mantidos em cativeiro.



Foto 19: Com o Prof. Dr. José Duarte de Barros Filho, colaborador do LAMVER, e Aline Ferreira, nas dependências deste laboratório, durante o VI Encontro de Biologia da UEFS. Feira de Santana - BA. 2004.

EM DIA COM O CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Devo confessar que me faltava nesta trajetória a titulação acadêmica tão necessária para um professor, já na maturidade, consagrar-se na carreira que escolheu por vocação. No campo pessoal, o momento era bastante promissor para iniciar com garra uma nova fase profissional, pois eu já tinha o aval da família, pela qual sempre tive grande estima e consideração, não querendo impor ao meu marido e às minhas filhas, qualquer experiência desagradável ou constrangimento.

Convencida desta nova trajetória que eu deveria seguir, pus-me a procurar com entusiasmo um Curso de Mestrado que estivesse em consonância com a minha linha de trabalho na UEFS e que também me trouxesse satisfação. Buscando informações aqui e ali, não tardei a concretizar o esperado: após ter sido aprovada no processo de seleção, em março de 1996 ingressei no Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / UFRRJ (Foto 20).

25



Foto 20a: Portal do Pavilhão Central da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ.



Foto 20b: Vista panorâmica do jardim interno do referido prédio. Seropédica – RJ. 1996.



Foto 20c: Vista panorâmica do jardim interno do referido prédio. Seropédica – RJ. 1996.

Sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Oldemar Scherer e co-orientação da Prof^a. Dra. Nadja Lima Pinheiro, desenvolvi com tenacidade a dissertação intitulada “Aspectos Morfológicos do Aparelho Reprodutor Masculino de *Crotalus durissus cascavella* Wagler 1824 (SERPENTES, VIPERIDAE)”, estudo que objetivou o conhecimento anatômico e histológico dos órgãos reprodutores masculinos da referida serpente de nossa região. A realização desta pesquisa foi árdua, só sendo possível graças ao apoio de amigos e colaboradores antigos que forneceram o material para estudo. As serpentes foram enviadas ao estado do Rio de Janeiro com êxito, graças à atenção dispensada pelo comandante do 35º Batalhão de Infantaria da época, em parceria com a direção do Correio Aéreo Nacional/CAN, órgãos responsáveis pelo transporte oficial das remessas do material a ser analisado.

Todo esse esforço foi compensado na execução do projeto que me pôs com temor, em uma pequena cidade, de nome Seropédica, às margens da Rodovia 465 – Km 7, no estado do Rio de Janeiro. Quando cheguei àquele lugar, segui obstinadamente o meu desígnio. Naquela terra até então desconhecida, e reconhecidamente perigosa pelos seus moradores, o que muito aliviou os meus sentimentos de tristeza e dor, foi a exuberância da natureza na paisagem cotidiana do campus universitário.

Pairava na RURAL, a Universidade é carinhosamente reconhecida assim, um ar campestre encantador que acalentava-me nos momentos de saudade, onde distante dos familiares queridos (especialmente mãe, marido e filhas), o tempo era infinitamente longo a cada dia, mesmo diante das belezas naturais.

Enquanto prosseguia meus estudos e entregue à minha inclinação favorita, em junho 1998 obtive o grau de Magister Scientiae por haver concluindo o curso em Biologia Animal. Diante do sucesso que tivera no Mestrado, fui imediatamente encorajada pelos meus orientadores a

prosseguir na Pós-graduação e após seleção, em março de 1999 ingressei no Curso de Doutorado (Foto 21).



Foto21a: Vista panorâmica do jardim interno do Pavilhão Central da RURAL. 1996



Foto21b: Com o Prof. Dr. Paulo Scherer, na sala do Anatômico, no Instituto de Veterinária. 2001.



Foto21c: Pavilhão Central da RURAL. 1996.



Foto21d: Quarto número 3 do alojamento de Pós-Graduação, onde me hospedei durante o período. 1996 – 2002.



Foto21e: Com o Prof. Dr. Paulo Scherer, na sala do Anatômico, no Instituto de Veterinária. 2001.

O tema da minha pesquisa foi relacionado à morfologia microscópica de um componente renal, ora analisado em três espécies de *Amphisbaenia* neotropicais. Sendo um estudo inédito e o assunto pouco abordado, além dos orientadores, outros especialistas tiveram grande importância no trabalho que desenvolvi e em março de 2002, defendi a tese intitulada “Estudo Morfológico do segmento sexual do rim de três espécies de *Amphisbaenidae*, com ênfase em *Amphisbaena vermicularis*, (REPTILIA, SQUAMATA)”, tendo como banca examinadora o Prof. Dr. Carlos Alberto Gonçalves da Cruz (Museu Nacional – UFRJ), a Prof^ª. Dra. Bernadete Maria de Souza (UFJF), o Prof. Dr. Paulo Oldemar Scherer (orientador), a Prof^ª. Dra. Nadja Lima Pinheiro (co-orientadora), o Prof. Dr. José Duarte de Barros Filho (UFRJ) e o Prof. Dr. Hércio Borba (Suplente) (Foto 22).



Foto 22a: Defesa da tese de doutorado, no Instituto de Biologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.



Foto 22b: Banca da defesa: da esquerda para a direita: Carlos Alberto Gonçalves da Cruz, Bernadete Maria de Souza, Paulo Oldemar Scherer, Maria Celeste Costa Valverde, Nadja Lima Pinheiro, Hécio Borba e José Duarte de Barros Filho. Março, 2002. Seropédica – RJ.

Assim que retornei à UEFS em abril de 2002, não demorei a perseguir o que eu almejava de imediato: obter um espaço físico para desenvolver as pesquisas e prosseguir com as minhas atividades acadêmicas, ensinar, produzir e multiplicar os conhecimentos recém adquiridos. Posso dizer que os meus esforços frutificaram rapidamente, pois em fevereiro de 2003, com o apoio do então diretor do Departamento de Ciências Biológicas, o Prof. Dr. Francisco de Assis Ribeiro, implantei o já citado Laboratório de Morfologia Comparada de Vertebrados - LAMVER / UEFS.

Localizado no primeiro Módulo, na sala MT – 13, sob a minha coordenação, esse pequeno espaço tem possibilitado a realização de vários projetos, especialmente voltados para a observação em cativeiro do comportamento de distintas espécies de *Amphisbaenia* da microrregião de Feira de Santana. Assim, estamos conseguindo obter um conhecimento cada vez maior e mais preciso sobre a biologia desses animais de hábitos estritamente fossoriais, fato que dificulta as observações no campo e também as coletas desses inofensivos répteis.

Além da pesquisa básica, no LAMVER procuro estabelecer uma relação entre o conhecimento aí produzido com o ensino e a extensão, desenvolvendo ações de caráter didático e instrucional que contemplem uma melhor formação não só dos discentes do curso de Ciências Biológicas, mas da comunidade estudantil em geral.



Foto 23a: Dissecação de Amphisbaenia para pesquisa. 2003.



Foto 23b: Participação de alunos no III ENCOBIO Jr. em visita ao LAMVER. 2005.

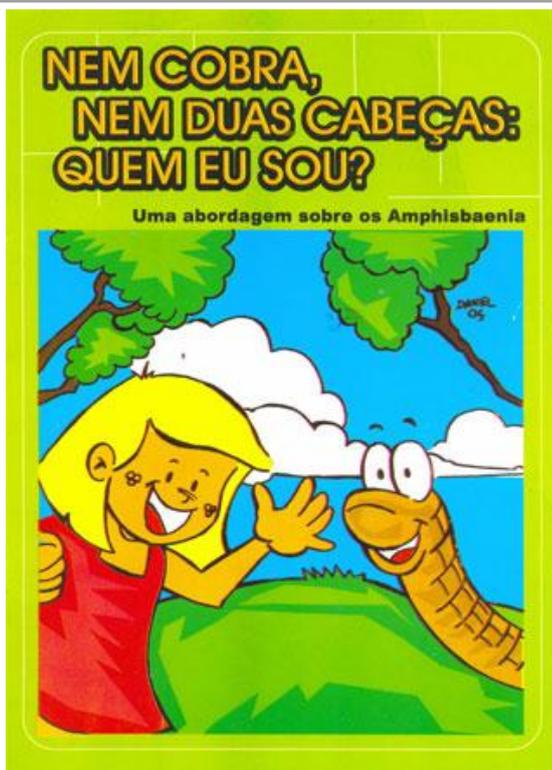


Foto 23c: Material didático e instrucional como parte do projeto de expansão do conhecimento sobre Amphisbaenia no estado da Bahia. 2005.

EDUCAÇÃO E CIÊNCIA: ONTEM E HOJE

Desde o meu ingresso na UEFS em 1982, venho contribuindo não só na capacitação e orientação dos alunos como docente, mas em diversas atividades acadêmicas. No decorrer da minha trajetória acadêmico-profissional, fui coordenadora da Área de Zoologia IV, participei de diversos eventos técnicos, de caráter local e regional (Foto 24), fui representante a matéria Zoologia no Colegiado do Curso de Ciências Biológicas, implantei e coordenei o Laboratório de Animais Peçonhentos da UEFS e mais recentemente o LAMVER, participei de diferentes congressos, simpósios e reuniões científicas de caráter nacional, apresentando trabalhos e divulgando conhecimentos. Sou responsável pela publicação de artigos científicos e projetos de pesquisa relacionados ao tema da minha especialidade. Em diversos momentos ministrei palestras, cursos de extensão e emiti pareceres, colaborando com diferentes atividades de cunho acadêmico.



Foto 24d: Diversos momentos do XII Encontro de Zoologia do Nordeste. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana – BA. 1999.



Foto 24e: Diversos momentos do XII Encontro de Zoologia do Nordeste. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana – BA. 1999.

No curso de Graduação, exceto durante os períodos de afastamento para o Mestrado (1996 – 1998) e o Doutorado (1999 – 2002), fui responsável pela matéria Zoologia, tendo lecionado as extintas disciplinas Zoologia Geral (Licenciatura curta-habilitação em Biologia), e Zoologia I (no mesmo curso) e a disciplina Zoologia IV, que continua no curso de Ciências Biológicas e nos dias atuais, encontra-se dividida entre diversos professores especialistas da Área IV (Foto 25). No curso de Enfermagem, sou responsável pela disciplina Animais Peçonhentos desde o ano de 2003. Na Pós-graduação, colaborei na disciplina Tópicos Especiais, do curso de Especialização em Zoologia, e respondo pela disciplina Anatomia Comparada dos Vertebrata no mesmo curso.



Foto 25: Com a Prof^a. Dra. Flora Juncá e alunos da disciplina Zoologia IV, em momento de descontração numa aula de campo / Projeto TAMAR. Praia do Forte – BA. 2002.

A linha de pesquisa sobre biologia e morfologia dos Amphisbaenia que desenvolvo pode ser atestada pelos projetos que coordeno e/ou participo com outros colegas daqui e de outras instituições estaduais e federais (UFRRJ, UFRJ, UESB), ou pela minha produção bibliográfica, que enquadra-se neste campo do conhecimento.

No que se refere à extensão, tenho participado continuamente de atividades dentro e fora da UEFS. Através de palestras e mini-cursos que são ministrados permanentemente para a comunidade estudantil, tenho procurado divulgar o conhecimento científico relacionado aos animais vertebrados, dando ênfase ao grupo Amphisbaenia. Conhecidos como cobra-de-duas-cabeças, esses animais são ameaçados pela população que enxerga nesses répteis grande perigo, por reconhecê-los como serpentes bicéfalas. Arelada a essa atividade de popularizar o conhecimento científico acerca desses animais, elaborei um material didático intitulado “Nem cobra, nem duas cabeças: quem eu sou? Uma abordagem sobre os Amphisbaenia”, com uma linguagem que atende a estudantes, professores e demais leitores (Foto 23c).

Coleções osteológicas de diversas espécies de vertebrados são também confeccionadas e organizadas no Laboratório de Morfologia Comparada de Vertebrados – LAMVER, cujo acervo constituído por esqueletos completos ou parciais (crânios, ossadas) encontram-se disponíveis para empréstimo, consultas e doações às escolas, mediante solicitação e atendimento de normas previamente estabelecidas entre os interessados.



Foto 26a: Atividades de extensão desenvolvidas pelos estagiários do LAMVER, com apresentação de Coleções Osteológicas no III ENCOBIO Jr. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana – BA. 2005.



Foto 26b: Atividades de extensão desenvolvidas pelos estagiários do LAMVER, com apresentação de Coleções Osteológicas no III ENCOBIO Jr. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana – BA. 2005.



Foto 26c: Atividades de extensão desenvolvidas pelos estagiários do LAMVER, com apresentação de Coleções Osteológicas no III ENCOBIO Jr. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana – BA. 2005.

Levando-se em conta o vigor e determinação com que iniciei a minha carreira docente aqui na UEFS, há 24 anos atrás, torna-se necessário revelar que contabilizei muitos ganhos durante este período. Inegavelmente em meio a algumas perdas e decepções, acontecimentos bons e ruins ocorreram, ora por força do trabalho, ou espontaneamente, por acreditar na pureza do gênero humano, mesmo tratando-se de relacionamentos profissionais. Sem sombra de dúvida, valeu a pena tudo o que fiz. Não só pela vontade de prestar serviços à minha terra que tanto amo, mas pelo propósito de realizar sonhos individuais e coletivos.

Ao longo da minha história profissional, construída com esforço e obstinação, consegui o que buscava: colaborar na construção da UEFS e contribuir com Feira de Santana e toda a sua gente. Foi nesse caminho de conquistas e realizações, de construção e (re)construção, alcançadas pouco a pouco, que se formou a bióloga, a mestra, a doutora – a eterna professora de que tanto me orgulho ser e cujo desejo eu não deixei extraviar, no curso da minha história acadêmica. O meu nome, sem máculas, é reconhecido pelas constantes homenagens recebidas. Tenho cumprido fielmente as metas institucionais, gerando ciência e, sobretudo, atuando na formação de profissionais autônomos e tecnicamente qualificados. De forma ética, continuo investindo na minha formação pessoal e com responsabilidade venho interagindo com aqueles que dividem comigo o trabalho cotidiano - funcionários e estagiários -, sem esquecer o convívio salutar com os demais colegas de trabalho, alguns, verdadeiros amigos.

E para concluir, mesmo que eu tenha atingido a mais avançada maturidade nesta trajetória acadêmico-profissional, ainda resta algo por fazer. E há de se apresentar mais de uma vez, no decurso da minha história futura, que eu pretendo prosseguir, quiçá nos próximos cinquenta anos.

Como citar:

VALVERDE, Maria Celeste Costa. Memorial. In: **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 5 (jun. - dez. 2007)., Feira de Santana, dez./2007. p. 2-36. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.